11º FEPEG FÓRUM ENSINO · PESQUISA EXTENSÃO · GESTÃO
UNIVERSIDADE, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS
ISSN: 1806-549X
Realização: Unimontes Universidade Estadual de Montes Claros; Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; Minas Gerais Governo de Todos; PIBID Unimontes
Apoio: FAPEMIG; FADENOR

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA ESCRITA FEMININA EM ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO

Autores: LUIZ HENRIQUE SILVA NASCIMENTO, RITA DE CÁSSIA SILVA DIONÍSIO SANTOS

Introdução

É sabido que os aspectos do cotidiano que as mulheres do século XIX vivenciavam tiveram pouca notoriedade. A história das mulheres foi obscurecida pela imagem de recato, sempre reservadas ao espaço doméstico. A escassez de documentos que tratem do protagonismo feminino em fontes históricas dificulta a investigação sobre as mulheres que transgrediram *modus operandi* , trabalhando fora do lar. Levando em conta a produção literária daquela época, a história literária noticia que a literatura infantil de escrita feminina teve seu início como uma prática pedagógica.

A escrita dessas escritoras tinha que se esquivar do espaço delineado, seus lares. A tentativa de estabelecer um espaço que representasse a condição de escrita que sempre fora masculino era um desafio, não era para ser uma afronta, mas uma tentativa de requerer um espaço para se expressar. De acordo o que Vieira (2007) relata, a maioria das escritoras preferiam modelos literários que as colocassem em um lugar discursivo de mulher para mulheres, uma espécie de texto que circulasse entre costuras e pedagogia. Essa forma de (se) escrever, muitas vezes, tida como ingênua, diz de uma subjetividade feminina e possibilitou às mulheres ingressarem no mundo da escrita, e, ao indivíduo, sair da sua condição de assujeitado. Através desse discurso, seria possível assumir uma posição de sujeito no mundo – começando a se reconhecer como detentor de direitos, assim como o homem. Essa nova forma de escrita que se apresentava possibilitava a elaboração de um texto que, imbuído na formação moral, católica e conservadora que as leitoras possuíam, caiu no agrado popular.

Alexina de Magalhães Pinto, autora do entresséculo XIX/XX, em seu livro *Cantigas das Creanças e do Povo e Dansas Populares* , tinha como um dos focos disseminar os valores da época. A autora acreditava que, somente através da arte se conseguia humanizar-se. Diante disto, pode-se questionar: quais as ideologias que influenciaram a sua escrita e como essas se manifestam em sua obra? Levando-se em consideração que a matéria-prima da literatura é a palavra, pretende-se analisar até onde Alexina de Magalhães teria conseguido, em sua obra, transgredir as barreiras impostas para as mulheres no século XIX e se essa transgressão teria colaborado para o aparecimento de outras escritoras na literatura brasileira.

Material e métodos

A nossa investigação é de cunho bibliográfico crítico-teórico, dedutivo e analítico, e tem como principal objeto a criação estética nomeada *Cantigas das Creanças e do Povo e Dansas Populares*, de Alexina Magalhães Pinto, e pretende identificar se essa obra possibilitou à autora uma representação social que conseguiu abrir campo para novas mulheres escritoras no Brasil. Pretende-se analisar a escrita da Alexina de Magalhães Pinto como uma escrita feminina, sendo uma expressão intimista e catártica: uma afronta de gênero a escrita masculina, ingênua às vezes, mas que saia do mundo dos lares para as escolas.

Para as nossas discussões, utilizaremos os estudos sobre a obra da autora realizados por Flávia Guia Carnevali ; resultados de pesquisas de Paula Cristina R. da R. de M. Cunha e Nancy Vieira (acerca da escrita feminina) e de Denise Jodelet (sobre as representações sociais).

Resultados e discussão

ISSN: 1806-549X

A escrita da Alexina de Magalhães se delineia como uma página de resistência, e resulta como uma forma de reivindicação de um papel mais interativo da mulher na vida pública. Sua nova proposta sobre a forma de educar, abolindo à palmatória, mostrando que é possível instruir e corrigir as indisciplinas de crianças e adolescentes sem violência, e, ainda, que a arte também possui um efeito pedagógico (sendo, conforme alguns estudiosos, a primeira educadora a inserir material folclórico nos livros didáticos), causa estranhamento na sociedade da época, mas não a impede de seguir com a sua nova prática. Isso, aliás, lhe possibilitaria ter visibilidade nacional, chegando, mais tarde, a ocupar cargos de chefia na educação mineira.

As suas viagens para a Europa podem ter possibilitado o contato com novas ideologias de educação e a crescente onda de feminismo e influenciado a sua forma de compreensão sobre o educar, sempre visionária, o que a faz antecipar alguns preceitos do escolanovismo no Brasil. Segundo Carnevali (2009), é a forma como ela se apropria dessa cultura que a faz acreditar no potencial educativo produzido pela população inculta, mas que possuía uma riqueza de conhecimentos e costumes que, se bem aplicados, poderia constituir um elemento agregador da nação, além de um material educativo que regeneraria a cultura popular.

Alexina consegue, por meio da sua obra, juntar o que era tido como plebeu e inseri-lo no meio burguês, fazendo as crianças de famílias abastardas que tinham acesso à escola terem conhecimento de todos os tipos de cantigas, mas sempre preservando a norma culta imposta pela língua portuguesa da época. Sua forma de escrita, ainda que impregnada dos preceitos morais da época, transgredia a forma de se fazer literatura; além de ser escrito por uma mulher, servia para práticas de ensino à frente do seu tempo. O processo simbólico da sua obra favorece e estabelece novas formas de comportamentos para as mulheres de sua época, mesmo sendo voltadas para as crianças as cantigas que reuniu em seu livro. É esse sentido que, de acordo Jodelet (2001), a noção de representação social da sua produção estética se produz, a fim de inovar as relações de existência, com seu caráter autônomo e criativo. A sua obra mostra o desafio que as mulheres tiveram que enfrentar no entresséculo XIX/XX para escrever, pelo simples fato de terem adentrado um espaço masculino. Alexina de Magalhães consegue, com a linguagem rígida na sua obra, criar uma questão de identidade, pelo fato de reunir as diversas formas culturais.

Considerações finais

Alexina de Magalhães Pinto pode ser vista como um instrumento referencial que permite a comunicação da diversidade cultural em uma mesma linguagem, por meio da “familiarização do estranho”. A elaboração do seu processo artístico produziu uma nova maneira de interpretar e de pensar a realidade cotidiana, enquanto forma de conhecimento de mulheres, para fixar suas posições em relação a situações que lhes concernem. A abordagem da representação social na escrita da Alexina de Magalhães Pinto favorece a um conhecimento prático, de acordo com o que argumenta Sant’Anna (2006): a mulher afirma a sua escrita através da experiência.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora pelo tempo empenhado e carinho com que transmite seus conhecimentos; À FAPEMIG, que possibilitou a realização desta pesquisa, e aos amigos, que disponibilizaram um pouquinho do tempo com contribuições a este estudo.

Referências bibliográficas

CARNEVALI, Flavia Guia. \'*A mineira ruidosa*\'-Cultura popular e brasilidade na obra de Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921). 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

JODELET, Denise et al. *As representações sociais*. Rio de janeiro: Eduerj, p. 17-44, 2001.

PINTO, Alexina de Magalhães. *Cantigas das Creanças e do Povo e Dansas Populares*, Rio de Janeiro: Livraria; Francisco Alves; 1911.

SANT’ANNA, Mônica. *A ESCRITA FEMININA E AS SUAS IMPLICAÇÕES*: A RECORRÊNCIA AO CORPO COMO SIGNO DE IDENTIDADE. REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, a. 2, n. 2, 2006.

ISSN: 1806-549X
Realização: Unimontes Universidade Estadual de Montes Claros · Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior · Minas Gerais Governo de Todos · PIBID Unimontes
Apoio: FAPEMIG · FADENOR

VIEIRA, Nancy. *TERRITÓRIO (POSSÍVEL) DA ESCRITA FEMININA.* XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, ISBN 978-85-7455-125-8. 2007.